Boas perspectivas de comercialização

O tamanho da nova safra brasileira trazia preocupações, mas a recente redução da estimativa de produção nos EUA e dos estoques finais norte-americanos e mundiais somou-se às indefinições da influência do clima no Brasil, para compor um quadro favorável à nova safra.

O ano começou muito bem para a soja, apesar dos prognósticos de grandes safras, no Brasil e na Argentina,[1] respectivamente o segundo e o quarto maiores produtores mundiais. Há muitas semanas o mercado internacional vem acompanhando atentamente o desenvolvimento de suas lavouras e observando os relatórios de estoques e de produção do USDA para todo o complexo da soja.

O ano novo já chegou trazendo a reavaliação do Census Bureau norte-americano, feita em 31 de dezembro, de que o estoque de óleo de soja dos EUA reduziu-se 5% ante o registrado um mês antes. Contudo, não foi uma comparação de todo positiva, visto que, comparativamente ao final de 1995, o estoque é 67% maior, o que afeta o mercado internacional do óleo.

Outra informação de grande impacto para o complexo, que começou a influenciar desde os primeiros dias de janeiro e terá ainda amplas repercussões no futuro, foi a tencionada proibição, pelo governo norte-americano, do uso de componentes animais nas rações, notadamente o farelo de osso. Tal medida visa a impedir a propagação da encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca) em território norte-americano. A repercussão efetiva sobre as cotações, em prazo mais longo, porém, não será importante, devido ao pouco emprego do farelo de osso nas formulações. A influência inicial deveu-se ao aspecto emocional que a doença evidentemente provoca. Afinal, a idéia simplista de alimentar os rebanhos ovino e bovino, vegetarianos, com produtos de origem animal, como se carnívoros fossem, levou a vultosos prejuízos e a perdas irreparáveis de vidas humanas, na Grã-Bretanha.

O mercado mundial também foi afetado, ao longo de janeiro, por informações contraditórias referentes ao clima nas zonas de produção brasileiras, pois a estiagem gaúcha preocupava — e preocupa ainda —, enquanto as expectativas de chuvas eram ou não confirmadas.

O clima igualmente deu sua contribuição às altas na Bolsa de Chicago, com o frio excessivo que vem incidindo sobre o Hemisfério Norte e, mais especificamente, sobre as pastagens norte-americanas, sugerindo para breve maior demanda de farelo.

Em termos de Brasil, uma sondagem feita junto às regiões produtoras mostrou, de fato, algumas dúvidas e muitas certezas. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as estimativas da área plantada do IBGE e da Emater/RS convergem (2,914 milhões e 2,917 milhões de hectares, respectivamente), expressando o crescimento de 5,2% no plantio, derivado da comercialização favorável de 1996 e, também, efetuado em detrimento do milho.

De acordo com a Emater/RS, em meados de janeiro, 94% das plantações encontravam-se em desenvolvimento vegetativo e 6% em floração, e os problemas climáticos não eram tão sérios como alguns relatos sugeriam. Com efeito, nas áreas mais importantes da sojicultura, as regiões Noroeste, do planalto e do alto Uruguai, correspondentes a 2/3 da produção gaúcha, as lavouras prosseguiam tranqüilas, em linhas gerais, sobretudo as da soja. As chuvas mal distribuídas pelo estado têm prejudicado mais sensivelmente os milharais, bastante afetados em Santa Rosa (Noroeste), que detém pouco mais de 20% da área plantada estadual. O milho tem menor potencial de recuperação do que a soja, e suas variedades tardias foram as mais atingidas pela estiagem. Para os arrozais, a preocupação é com o estoque de água para irrigação, sendo que em Bagé, na região da Campanha, já vigora o racionamento desde dezembro.

Os preços da soja em grão estavam declinando no estado, até meados de janeiro, em função da expectativa de entrada de uma grande safra. Observe-se, no entanto, que superam largamente os valores obtidos um ano antes. Em 12 de janeiro de 1996, a soja estava sendo cotada a R$10,07/60kg.

Rio Grande do Sul — preços da soja em grão no atacado

Dezembro de 1996 e janeiro de 1997 — em R$/60kg

Data	Preço (R$/60kg)
12 dezembro	16,38
19 dezembro	16,25
26 dezembro	16,15
2 janeiro	16,06
9 janeiro	15,91

Fonte: Emater/RS.

O IBGE estima a produção em 5,64 milhões de toneladas, a partir de rendimento físico médio de 1.935kg/ha.

No Paraná, o acompanhamento de safra fechado pelo Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura, confirmou os números de uma safra recorde, oscilando entre 6,135 milhões e 6,719 mi-

[1] A produção argentina de cereais e oleaginosas de 1996/97 deverá ser recorde, atingindo 52 milhões de toneladas, 7 milhões a mais do que a de 1995/96. A safra de soja está prevista em 13,7 milhões de toneladas, 9,4% superior à precedente.

lhões de toneladas. Caso se concretize a estimativa média (6,427 milhões de toneladas), esta será a terceira safra recordista consecutiva no estado. A área plantada é igualmente inédita (2,503 milhões de hectares) e deverá ter também a contribuição de mais 60 mil hectares a serem cultivados na safrinha que a sucede, e que poderão agregar à produção paranaense mais 100 mil de toneladas do produto.

Os cultivos paranaenses estão sendo beneficiados por chuvas regulares, com boa insolação, e os preços têm aumentado. Contudo, sabe-se que o próprio tamanho da safra tolherá maiores altas, havendo definição de preços a R$13,50/60kg para o mês de maio.

Considerando-se que a safra prossegue sem maiores tropeços nos demais estados, inclusive no Centro-Oeste, as expectativas quanto à safra total aproximam-se do máximo esperado pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), de cerca de 27 milhões de toneladas (o USDA estima 26 milhões de toneladas). O Rio Grande do Sul, único estado a ter dificuldades com o clima, só terá definido melhor a situação das lavouras ao longo de fevereiro, pois os problemas apresentados até o momento não foram considerados irreversíveis.

Da safra velha praticamente nada sobrou para ser comercializado no início do ano, e espera-se que a nova apresente alguma baixa de preços no mercado interno, mas depois acompanhe a paridade com o mercado internacional. Este, inflado pelas recentes reestimativas do USDA, pagou, em janeiro, de US$7,30 a US$7,40 pelo *bushel* do grão.

Internamente, tem-se como fator negativo também a situação desfavorável da avicultura, que deverá diminuir o alojamento e, conseqüentemente, reduzir a demanda de farelo.

Situação do mercado mundial

De acordo com o Decex, a receita de exportação do complexo da soja foi recorde em 1996.

Brasil — exportações do complexo da soja
1995 e 1996 — em mil t e US$ milhões

Item	Quantidade (mil t)		Preço médio (US$/t)		Valor total (US$ M)	
	1995	1996	1995	1996	1995	1996
Grão	3.493	3.600	220	280	770	1.010
Farelo	11.563	11.250	172	240	1.997	2.700
Óleo	1.730	1.300	595	530	1.031	690

Fonte: Decex.

O ingresso de divisas totalizou US$3,798 bilhões em 1995 e US$4,4 bilhões em 1996. Para 1997, o mercado considera que as cotações internacionais permanecerão atraentes, e a maior presença brasileira fará com que se consiga superar o resultado de 1996. A Abiove acredita que as exportações de soja em grão crescerão substancialmente, em função da menor procura interna pelo grão para esmagamento, podendo-se vender de 6 a 7 milhões de toneladas ao exterior, mas as estimativas mais freqüentes ficam em torno de 5 milhões de toneladas exportadas.

O que vem sustentando essas idéias otimistas é a divulgação do relatório do USDA, 10 de janeiro de 1997. A safra dos EUA foi reduzida de 1% relativamente ao relatório de dezembro, ficando em 64,82 milhões de toneladas, bem abaixo das 65,6 milhões esperadas. Os estoques finais mundiais e norte-americanos diminuíram também, sendo que estes últimos, chegando a 4,21 milhões de toneladas, são os menores em duas décadas.

Soja — produção e estoques mundiais
1995/96 e 1996/97 — em milhões de t

Item	Produção		Estoque final	
	1995/96	1996/97	1995/96	1996/97
Grão	124,34	132,01	17,09	16,14
Farelo	88,94	90,04	4,19	3,95
Óleo	20,17	20,31	2,31	2,25

Fonte: USDA.

A demanda mundial esteve razoável nas primeiras semanas de 1997, mesmo com a pouca participação da China. O esmagamento nos EUA continua bastante ativo e se esperam exportações de até 5,9 milhões de toneladas, superando as 5,7 milhões anteriormente previstas. Os relatórios da Associação Nacional dos Processadores de Óleo (Nopa) dão conta de ampliação do esmagamento em janeiro, comparativamente a dezembro, o que deprime os preços do óleo.

Como a Bolsa de Chicago continuará pressionada pela demanda, os produtores/exportadores brasileiros precisarão explorar bem as vantagens abertas com a alteração na cobrança do ICMS. Nesse aspecto, a Argentina, com sua tributação diferencial, goza de privilégios em relação à produção brasileira. Como a nova lei permite que se repasse o crédito de ICMS a terceiros, para contornar a dificuldade criada com a cobrança nas transferências internas do produto (o Paraná sozinho tem 2/3 da capacidade de esmagamento do país), as compras e vendas deverão ser bem planejadas.

De acordo com a Abiove, os registros de exportação de soja em grão têm ficado cerca de 80% acima dos verificados em janeiro de 1996, mas os do farelo e do óleo situam-se entre 5 e 10% abaixo.

Portanto, para o complexo como um todo, conforme referência anterior, a expectativa do mercado é de maior receita de exportações, mesmo com menor cotação média no exterior (o preço médio das exportações deverá passar de US$280/t, em 1996, para US$260/t, no caso do grão, e de US$240/t para US$220/t, no do farelo; as do óleo deverão manter-se em US$530/t). É possível que se obtenham entre US$4,5 bilhões e US$5 bilhões com a soja este ano, pois vários analistas internacionais vêm trabalhando com a possibilidade de um ano turbulento para a soja, em Chicago.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

FRANGO

Avicultura de corte na China

Segundo previsão do USDA, em 1996 a produção avícola chinesa teria chegado a 8,8 milhões de toneladas, o que corresponde a 18,5% do total calculado para 40 países selecionados. Caso se confirme esse patamar, a China terá registrado um salto espetacular de 123% no crescimento acumulado da produção desta carne desde 1991, superando em quase quatro vezes o ritmo do aumento mundial.

O forte avanço da produção de aves na China encontra raízes no início dos anos 80, quando o governo chinês deu partida à implementação de uma série de medidas preferenciais de estímulo à criação avícola. Com isso, modificou-se radicalmente o modelo tradicional das criações de *fundo de quintal*, no qual a população rural incumbia-se de criar em pequena escala para consumo próprio ou para utilizar os ovos produzidos como instrumento de troca por outros víveres.

À aplicação de subsídios aos preços das rações e ao oferecimento de apoio técnico aos criadores, seguiu-se a entrada de capitais estrangeiros e a importação de linhagens avícolas e de modernas técnicas de criação. Assim, a atividade qualificou-se para a economia de mercado à qual o país viria a aderir logo após, com o relaxamento do controle governamental sobre sua produção, oferta e preços no início da presente década. Conseqüentemente, embora hoje em dia o poder central ainda exerça certa influência sobre o setor — fixando o preço máximo e o mínimo de acordo com o custo do arraçoamento —, é indubitável que o atual perfil avícola chinês se encontra muito distante do modelo tradicional.

O grande destaque nesse processo ficou por conta dos integradores asiáticos, que dirigiram seus investimentos à China com vistas a usufruírem da abundante e barata mão-de-obra local. Um dos maiores empreendimentos foi realizado pelo grupo agroindustrial tailandês Charoen Pokphand (CP), que controla suas atividades chinesas a partir de uma base instalada em Hong Kong. Através da criação de vários *joint-ventures* de integração avícola, o grupo CP vem desenvolvendo a criação de vários tipos de linhagens de aves, e a sua produção de pintos de um dia cresceu, de 6,2 milhões de cabeças/ano em 1987, para 250 milhões de cabeças/ano em 1994. (A título de comparação, este último valor corresponde a aproximadamente 10% da produção brasileira de pintos de corte no ano passado.)

Duas foram as conseqüências diretas desse acentuado avanço da avicultura chinesa: a expansão do consumo interno *per capita* da carne e um forte aumento das exportações.

É fato comprovado que, conforme ocorrem melhorias econômicas em um país, aumenta o consumo de proteínas animais, especialmente carne. No caso da China, onde a renda *per capita* média cresceu 40% entre 1993 e 1995, vem sendo observado não só esse fenômeno, como também uma diversificação maior na dieta, com o abandono do tradicional racionamento, que relativizava a quantidade de carne permitida ao tamanho das famílias.

Entre os anos de 1991 e 1996, o consumo *per capita* de carnes em geral na China cresceu 61% em termos acumulados. O fato de que esse indicador para a carne bovina tenha chegado a quase 250%, embora importante, não deve ser destacado, já que o consumo absoluto dessa variedade ainda não alcançou nem mesmo 4kg/ano. O destaque fica realmente por conta da carne avícola, cujo avanço acumulado foi da ordem de 113% no período.

Dois pontos são, aqui, dignos de destaque. O primeiro é que o consumo *per capita* da carne de frango em 1996 equivaleu a 25% do consumo da carne suína — a preferida pelos chineses — enquanto, ao início da década, essa relação não ultrapassava 16%. O segundo é que ainda há muito a ser feito até que a produção de proteínas animais atenda às necessidades nutricionais da população. A título de exemplo, o consumo *per capita* anual de carnes no país, da ordem de 42,8kg em 1996, foi 35% inferior à média do mesmo indicador para outros seis países asiáticos: Hong Kong, Japão, Cingapura, Taiwan, Tailândia e Coréia.